

ENTREVISTA

Gosto pela polêmica

Para a francesa Catherine Millet, o #MeToo levou à censura e à condenação sem provas, exemplo de como as redes sociais podem "ameaçar a democracia". Por **Helena Celestino**, para o Valor, do Rio

Voz doce, delicada e com senso de humor, Catherine Millet, de 70 anos, parece não ter a menor vocação para detonar polêmicas e provocar escândalos. Aparentemente é a intelectual clássica francesa, chique e articulada, crítica de arte renomada e escritora de sucesso. Só que não. Ela liderou o lançamento do manifesto assinado por cem francesas célebres — entre elas a atriz Catherine Deneuve — defendendo o direito de os homens importunarem as mulheres, colocando-se na contracorrente do movimento de liberação da palavra de centenas de milhares de mulheres que, ao redor do mundo, denunciaram ameaças de morte, estupro e assédio sexual. Para ela, o #MeToo levou à censura e à condenação sem provas, num exemplo de como as redes sociais podem ameaçar a democracia.

É a segunda vez que ela se coloca no olho do furacão. Anos antes, com provocativa precisão, expôs em "A Vida Sexual de Catherine M.", seu gosto por orgias e sexo com fila de desconhecidos, num texto com o mesmo rigor e vivacidade usados nas suas críticas na "Art Press", prestigiada revista fundada e dirigida por ela há três décadas. Nesta entrevista, ela faz a defesa da liberdade sexual, pretendida por sua geração, e critica a falta de nuances, o puritanismo e a vitimização das mulheres por parte do #MeToo. Catherine esteve no Brasil para participar de conferências do Fronteiras do Pensamento

Valor: Seis meses depois do célebre manifesto das cem francesas, como a senhora avalia a reação que provocou?

Catherine Millet: Fez as pessoas refletirem,

por pelo menos na França. Nos debates da TV, as afirmações foram mais nuançadas, com mais contradições, e foi positivo o reconhecimento de que não há um só ponto de vista sobre o assunto e, sim, vários. Houve grande diferença no tratamento dado ao manifesto, tive conversas mais tranquilas e interessantes com as jornalistas brasileiras ou espanholas do que com francesas e americanas, extremamente agressivas.

Valor: O #MeToo fez a volta ao mundo e mostrou que a violência sexual é mundial. Como vê a globalização desse fenômeno?

Catherine: Tem alguns efeitos negativos, entre eles a censura. Como crítica de arte, sou sensível a tudo o que pretende limitar a liberdade de expressão no domínio artístico e literário. Outra coisa é o fato de que essa campanha vai com a condenação em praça pública de pessoas

que não sabemos ainda se são culpadas ou não. Esse é o perigo. Claro que não estou colocando em discussão o fato de as mulheres serem vítimas de violência sexual, e do estupro ser um crime que pode traumatizar profundamente uma mulher. Quis condenar, naquele manifesto, o fato de elas considerarem igual o estupro provado e algumas agressões verbais ou gestos grosseiros. Com isso, o autor do gesto grosseiro enfrentou consequências muito graves, homens foram obrigados a pedir demissão. Por enquanto, a Justiça ainda não decidiu se são culpados ou não.

Valor: Mas no caso de relações profissionais, as denúncias de assédio revelavam um abuso de poder. É diferente, não?

Catherine: Claro, o abuso de poder existe, e isso reconhecíamos no manifesto. Não estou

falando de produtor famoso que tem poder sobre as atrizes ou do gerente de uma loja que tem poder sobre as vendedoras: esses abusos de poder podem ser exercidos em todos os níveis da sociedade — e são condenáveis. No entanto, o caso que deu início ao movimento na França foi o de duas colegas jornalistas em que não havia relação de poder entre elas: os dois estavam num coquetel, e o homem disse à mulher que ela tinha seios bonitos e que queria fazê-la gozar. Acho que uma jovem parisiense, ao ter relações com homens canalhas, tem liberdade de ação para responder a esses homens, diferentemente das mulheres do Oriente Médio ou da África. As situações sociais são muito diferentes ao redor do mundo e, mesmo no interior da França, a situação não é a mesma. No #MeToo o que me irritou foi não se considerar essas diferenças.

Valor: Num artigo publicado no "Times", um psicanalista disse que o #MeToo mudou a sua clínica: os homens agora falam e choram por terem forçado e manipulado as parceiras sexuais. O movimento mudou comportamentos?

Catherine: Não acredito muito. Para mim, a sexualidade é o que há de mais profundo na natureza humana. Não é o #MeToo que vai mudar os homens ou as mulheres. Existirá sempre o corte sexual, o amor não impede a existência até o fim dos tempos de uma incompreensão fundamental entre os sexos. Não acredito que podemos mudar a natureza humana, e os que acreditam nisso são perigosos.

Valor: O feminismo já mudou comportamentos...

Catherine: Nós, da geração 68, acreditávamos que tínhamos feito evoluir os comportamentos e que iríamos todos ter uma vida se-



Catherine Millet liderou manifesto assinado por cem francesas célebres, como Catherine Deneuve, defendendo o direito de os homens importunarem as mulheres

xual mais livre. Cinquenta anos depois, ocorre o contrário. Talvez daqui a 20 ou 30 anos o mundo volte a ser mais liberal. Olhe para o século XVIII: era muito liberal; o XIX foi puritano. Não podemos dizer que haverá evolução sempre no mesmo sentido.

Valor: A senhora expôs sua vida íntima em livros. De que forma liga sua experiência pessoal com a sua posição no debate sobre violência e assédio?

Catherine: Quando entro em debates como esse, falo em nome próprio, a partir da minha experiência. Não sou filósofa nem socióloga. Minha experiência me ensinou a fazer diferença entre o que acontece com o meu corpo e o meu espírito. Sou pela superação. Minha preocupação em relação ao estupro é a tendência a fechar as mulheres no papel de vítima, com frequência os processos são longos e reforçam os traumas. Se a gente explica que o ultraje do qual ela foi vítima só concerne ao corpo e que seu espírito pode se desligar disso, ela tem capacidade para superar o trauma. Algumas organizações feministas francesas têm tendência a fechar as mulheres nos traumas. Depois do manifesto, muitas amigas que sofreram estupros ou violência sexual quando jovens contaram como acharam forças para superar a violência sem que isso afetasse a vida sexual delas ou a relação com os homens. Muitas me disseram que eu podia ter essa posição porque era forte, mas queremos que todas as mulheres sejam fortes, é bom dar um modelo de força às outras mulheres, e não ensiná-las o papel de vítima.

Valor: Intelectuais, como a historiadora Michelle Perrot, disseram que o manifesto foi uma resposta individualista a um movimento coletivo.

Catherine: Li o texto dela. Perrot tem uma concepção velha do feminismo. Acha que as mulheres devem lutar juntas, mas não é mais o caso. O feminismo se diversificou em diferentes correntes, existem debates no interior dele. As mulheres não têm todas as mesmas posições sobre questões sensíveis, como a relação com a sexualidade e com o corpo. Há alguns anos, na França, falávamos de feministas pró-sexo, eram as que defendiam a pornografia, apropriação pelas mulheres dos códigos sexuais reservados aos homens. Achei muito interessante [risos].

Valor: Em "Catherine M.", a senhora diferencia corpo físico de corpo amoroso. É isso que sugere às mulheres nas suas relações com o sexo?

Catherine: Não temos o mesmo comportamento sexual ao longo de toda a vida e não temos a mesma relação com o corpo e com a sexualidade com todos os parceiros. Muito simplesmente: você pode, por exemplo, deixar

"Nós, da geração 68, acreditávamos que tínhamos feito evoluir os comportamentos (...) Cinquenta anos depois, ocorre o contrário"

a alguém o papel de dominador e do que propõe novas experiências e, ao contrário, pode ter outro que é submisso e pronto a aceitar o que lhe pedem. É entre duas pessoas que as relações se constroem, essa é minha experiência. Não fui a mesma pessoa com todos os parceiros, inclusive com os que tive relações longas. A relação com o nosso corpo e com o prazer é flutuante.

Valor: A senhora já disse que o francês é a língua do sexo. Agora, no manifesto, disse que existe uma exceção francesa nas relações mulher/homem. Acha mesmo que há uma especificidade na cultura francesa em relação ao sexo?

Catherine: É uma constatação que eu faço, a nossa cultura é da libertinagem, é a cultura que inventou a possibilidade dos jogos sexuais entre homens e mulheres, talvez seja o que explique esse comportamento nosso — de algumas francesas — mais descontraído na relação amorosa. Digamos que nossa cultura aceita os jogos na relação sexual ou amorosa. Se a história do jornalista que disse à sua colega "Você tem belos seios, quero fazer você gozar" tivesse ocorrido comigo, teria replicado, brincado com ele. Não teria ido com ele para o quarto de hotel, mas, em vez de dizer que estava chocada e traumatizada por suas palavras, teria feito a ele uma proposição bem chocante, talvez fosse ele que ficasse chocado. Teria deixado a porta aberta ao jogo.

Valor: O presidente Emmanuel Macron fez passar uma lei na França para punir o assédio de rua; na Suécia entrou em vigor uma lei considerando estupro as relações sexuais não explicitamente consentidas. O que acha disso?

Catherine: Completamente ridículo. O filósofo Slavoj Žižek escreveu um artigo em que imaginava o que se passaria em caso de ruptura do acordo entre mulher e homem se, por exemplo, a ereção masculina decepcionasse a parceira e fizesse desistir. E aí é ruptura do acordo ou não [risos]? A lei não pode se imiscuir na nossa intimidade mais íntima. É perigoso.

Valor: Mas existe uma questão do consentimento, certo? Explícito ou não..

Catherine: Claro, é fundamental. Mas não precisa ser formalizado. O tempo gasto para formalizar pode fazer você perder a vontade..

Valor: A senhora se irrita com o que considera certo puritanismo do #MeToo. Acha que o mundo mudou muito desde a publicação dos seus livros?

Catherine: Na França e, talvez na Europa toda, estamos atravessando um período que muitos classificam de puritanos. Faço parte de uma geração de comportamento livre, que defendeu a liberação sexual. De maneira geral, a sociedade é menos livre em relação ao sexo do que ainda era quando o livro foi lançado. Tivemos a ideia do manifesto quando soubemos que a editora de uma jovem autora disse-lhe que o livro de Catherine Millet não poderia ser publicado hoje. Ela ficou chocada e me ligou, propôs que reagíssemos e escrevemos o manifesto. Acho que essa editora está enganada, meu editor da época estaria pronto a publicar um livro do mesmo estilo. Mas uma profissional ter essa suspeita prova que as coisas não evoluíram no bom sentido.

Valor: O livro de alguma maneira "liberou a sua palavra". Mudou a sua vida?

Catherine: Não tenho mais a mesma idade, o livro foi publicado há quase 20 anos, não tenho mais a mesma sexualidade daquela época, acabo de fazer 70 anos. Se tivesse continuado a fazer orgias, teria a impressão de estar em um filme feito com base no meu livro e me sentiria como uma atriz interpretando o meu papel. Mas isso é verdade em relação ao sexo e a outras coisas também.

Valor: Para clarificar: a senhora acredita na desigualdade entre mulheres e homens?

Catherine: Acredito que há desigualdades sociais, questões de salários — em que a mulher recebe menos do que os homens —, mas não em relação ao poder dentro da relação amorosa ou sexual.

Valor: Ainda se considera feminista?

Catherine: Não sei se eu fui feminista em algum momento. Às vezes eu acho que sim, em outras, não. Nos anos 70, eu não participei dos movimentos feministas na França, achava hostis demais aos homens. Hoje eu sou sensível às questões femininas e eu fui levada a falar da situação das mulheres. Isso me faz uma feminista? Não sei. Em todo caso, eu não acho que posições tomadas em relação ao #MeToo me colocam em contradição com o feminismo no sentido mais amplo. Se eu intervenho, é para fazer as mulheres se sentirem mais fortes. ■

INFORMAÇÃO TEM EM TODO LUGAR.

INFORMAÇÃO DE VALOR, SÓ A GENTE TEM.

O Valor Econômico tem a melhor equipe de jornalistas que apura e analisa as notícias que importam para o seu negócio.

Valor ECONÔMICO

Ligue e assine agora:
0800-701-8888
assinevalor.com.br

Notícias que geram negócios.